

A cidade e a poesia

São Luís-MA, 8 de setembro de 1996

Logo depois das festas comemorativas da Independência nacional, as celebrações que evocam a fundação de São Luís, cidade tão maranhense e tão brasileira, que embora haja nascido por mãos de franceses, muito cedo retomou seu destino natural. Que, na verdade, não era ser português, senão pelo tempo necessário à maturação que a fez um dos centros mais importantes da grande comunhão nacional que gestou o Brasil, diverso em suas manifestações regionais, porém uno e único, na dimensão de uma grande pátria.

É de crer que algo terá representado mais que uma coincidência que o nascimento de São Luís seja como que o modo festivo de encerrar as comemorações da Semana da Pátria. Talvez porque, mesmo antes de ser aqui Brasil, já o Maranhão, por sua cidade maior, apontava para um futuro traçado pelas mãos poderosas do destino.

Nos sonhos de Bequimão, nas reivindicações libertárias de tantos outros de nossos maiores, reivindicamos, desde há muito, nossa vocação de liberdade, que tão belamente contou **Bandeira Tribuzi**, poeta de São Luís, que vive pela força de uma obra que cresce à medida que o tempo passa. Porque o amor não morre, nem morre jamais a poesia, como disse o bardo do **Breve memorial do longo tempo**, um denso e emocionante balanço dos dias vividos por quem, sendo poeta, era, conseqüentemente, profeta.

São Luís, que tem o dom de encantar os que sabem surpreender a beleza em sua pureza maior, é motivo das atenções de muitos. Como, por exemplo, Edgar Rocha, o fotógrafo-poeta que se fez são-luisense por ditames do coração. É de Edgar o lado bonito e nem sempre notado de São Luís que aqui se revela graças à sensibilidade de um admirador incondicional da cidade, que lhe retribuiu o amor com a concessão da Medalha de La Ravardière, jeito carinhoso de dizer-lhe: Muito obrigada, Edgar, por tanto me admirares, eternizando-me pelos teus flagrantes que se fizeram eternos.